



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MILENA CAJU LACERDA DE SOUSA

**A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO PIADA PARA O GÊNERO HISTÓRIA EM
QUADRINHOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

CAJAZEIRAS - PB

2022

MILENA CAJU LACERDA DE SOUSA

**A RETEXTUALIZACAO DO GÊNERO PIADA PARA O GÊNERO HISTÓRIA EM
QUADRINHOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito para obtenção
do título de licenciado em Letras.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS - PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

S725d	<p>Sousa, Milena Caju Lacerda de. A retextualização do gênero piada para o gênero histórias em quadrinhos: um relato de experiência/ Milena Caju Lacerda de Sousa. - Cajazeiras, 2022. 40. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa)UFCG/CFP, 2022.</p> <p>1. Retextualização. 2. Gêneros textuais. 3. Ensino fundamental - 6º ano. 4. Ensino de língua portuguesa. 5. Linguística textual. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p>	CDU – 81'42
-------	---	-------------

MILENA CAJU LACERDA DE SOUSA

A RETEXTUALIZACAO DO GÊNERO PIADA PARA O GÊNERO HISTÓRIA EM
QUADRINHOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 30/08/2022

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Hérica Pereira Paiva
(UAL/PROFLETRAS/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Rose Maria Leite de Oliveira
(UAL/PROFLETRAS/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/PROFLETRAS/CFP/UFCG - Examinadora 2)

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, Daniel Lacerda de Sousa e Edviges de Sousa Caju, por nunca medirem esforços para apoiar e incentivar os meus estudos.

Ao meu irmão, Miguel Caju.

Aos meus amigos Rhaul, Jéssica, Meiri, Marília e Welligton, mais do que amigos de graduação, vocês se tornaram essenciais em minha vida.

Em especial à professora Dra. Hérica Paiva Pereira, por toda atenção, paciência, carinho e competência para me nortear durante a produção deste trabalho, sem ela seria impossível.

Às professoras da banca, Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais e Dr. Rose Maria Leite de Oliveira, por aceitarem o convite.

Aos professores do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras, por todas as contribuições necessárias para a minha formação.

Em especial às professoras Dra. Fátima Elias, Dra. Hérica Paiva e Dra. Maria Nazareth, obrigada por me mostrarem o que é responsabilidade e compromisso com a educação, vocês mudaram minha vida.

À professora Dra. Erlane Aguiar por toda dedicação e disponibilidade durante a execução deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos familiares e amigos que contribuíram direta e indiretamente para a chegada até aqui.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a prática de retextualização nas aulas de português em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. Por se tratar de uma atividade comum no cotidiano dos falantes, retextualizar gêneros textuais facilita o aperfeiçoamento das nossas habilidades sociocomunicativas. O objetivo geral dessa pesquisa é relatar a experiência da prática de retextualização dos gêneros textuais piada e história em quadrinhos nos estudos de leitura, compreensão e produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. Para atingir esse objetivo, destacamos a Linguística Textual e seu papel na adoção do texto como eixo de ensino; discutimos sobre a importância da fala e da escrita nas interações sociais, descrevemos uma experiência de retextualização do gênero piada para o gênero História em Quadrinho. As discussões aqui realizadas fundamentaram-se, sobretudo, nos estudos realizados por Marcuschi (2010), Fávero e Koch (2005) e Soares (2005). A metodologia é *ex-post facto*, dado que esta pesquisa se propôs a realizar uma investigação bibliográfica a fim de traçar uma relação entre as discussões realizadas sobre as questões do estudo de gêneros a partir da retextualização e a prática em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. Este trabalho foi desenvolvido a partir de duas etapas: a primeira, destina-se à investigação de conceitos importantes, tais como texto, ensino, gêneros textuais, oralidade, escrita e retextualização; a segunda, por sua vez, apresenta e detalha um relato de experiência vivenciada durante as atividades realizadas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III. Como resultado, pudemos observar que o exercício de retextualização criou um ambiente privilegiado para o debate e análise de gêneros orais e escritos. Além disso, retextualizar contribuiu significativamente para que o discente percebesse que a língua está em constante criação, reformulação, readaptação.

Palavras-chave: Ensino. Retextualização. Gêneros Textuais.

ABSTRACT

The present work has as its central theme the practice of retextualization in Portuguese classes in the 6th grade of the Elementary School. As it is a common activity in the daily life of speakers, retextualizing textual genres facilitates the improvement of our sociocommunicative skills. The general objective of this research is to show how the practice of retextualization of the textual genres joke and comic in Portuguese classes, in a 6th Elementary School class. In order to achieve this goal, we highlighted Textual Linguistics and its role in adopting the text as a teaching axis; we discussed about the importance of speaking and writing in the social interactions; we described an experience of retextualization from the joke genre to the comic genre. The discussions held here were based, mostly, on studies accomplished by Marcushi (2010), Fávero and Koch (2005) and Soares (2005). The methodology is ex-post facto, given that this research proposed to realize a bibliographic investigation in order to draw a relationship between the discussions carried out on the issues of the study of genres from the retextualization and the practice in a 6th year class of the Elementary School. This work was developed in two stages: the first was intended to investigate important concepts, such as text, teaching, textual genres, orality, writing and retextualization; the second, in turn, presents and details an experience report during the activities experienced in the discipline of Supervised Curricular Internship III. As a result, we could observe that the exercise of retextualization created a privileged environment for the debate and analysis of oral and written genres. In addition, retextualizing significantly contributed to the student's understanding that the language is in constant creation, reformulation, readaptation.

Keywords: Teaching. Retextualization. Textual genres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição dos textos de uso falados e escritos no contínuo genérico...	14
Figura 2 - Possibilidades de Retextualização.....	20
Figura 3 - Fluxo das ações.....	21
Figura 4 - Conjunto de operações envolvidas no processo de retextualização.....	22
Figura 5 - EMEIEF Vitória Bezerra.....	24
Figura 6 Tirinha “Nina em coisas da vida”.....	29
Figura 7 - Estudo sobre a HQ.....	32
Figura 8 - Alguns exemplares utilizados na aula.....	33
Figura 9 - Atividade de criação de falas.....	34
Figura 10 - Atividade produzida pelos alunos.....	35
Quadro 1 - Gêneros.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM	12
2.1 LINGUÍSTICA TEXTUAL.....	12
2.2 A FALA E A ESCRITA.....	13
2.3 GÊNEROS TEXTUAIS	15
3 ORALIDADE E ESCRITA VISTAS NA PERSPECTIVA DA BNCC	17
3.1 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)	17
4 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO E AS COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS	19
4.1 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA VISÃO DE MARCUSCHI.....	19
4.2 RETEXTUALIZAÇÃO: UM PROCESSO DE ETAPAS	21
5 DA TEORIA PARA A PRÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO PIADA PARA A HQ	24
5.1 UMA VISÃO PANORÂMICA DA ESCOLA EMEIEF VITÓRIA BEZERRA	24
5.2 ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA	26
5.3 A HISTÓRIA EM QUADRINHO E A PIADA: A PRÁTICA.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa enfrentou diversas fases ao longo da história da educação no Brasil. A compreensão de “ensino tradicional” parte da prática pedagógica voltada para definições e classificações de palavras, utilizadas de forma isolada. Através das investigações feitas pela Linguística Textual, embora lentamente, o ensino descontextualizado vem sendo gradativamente superado devido à adesão do texto como norteador das aulas de língua. Assim, muito se discute sobre a importância de reconhecer o uso da linguagem nas atividades sociais e culturais, analisando o papel dos gêneros textuais dentro de cada contexto.

Nessa perspectiva, este trabalho apresenta um relato de experiência realizada durante o período do Estágio Curricular Supervisionado III, do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores da UFCG. Nesse sentido, procuramos debater como o processo de retextualização se apresenta como uma estratégia que contribui no progresso de estudo dos gêneros textuais orais e escritos nas aulas de Língua Portuguesa.

A fonte inspiradora da escolha do tema surgiu a partir de discussões realizadas nas aulas de Linguística Aplicada, em que tivemos a oportunidade de realizar diferentes atividades que envolvem o processo de retextualização dos gêneros textuais orais e escritos. Dessa forma, esta pesquisa procura compreender quais foram as implicações da adoção dos gêneros textuais como eixo norteador das aulas de português e, para além disso, como o processo de retextualização contribuiu no trabalho ensino de Língua Portuguesa?

Sabemos que a crescente adesão aos gêneros textuais como objeto norteador do ensino de Língua Portuguesa reflete como a educação no Brasil pretende formar cidadãos críticos que consigam se articular nos vários campos das esferas sociais. Dessa forma, inserir o processo de retextualização no trabalho com os gêneros textuais pode contribuir diretamente na relação de ensino-aprendizagem, ao passo que exercita a produção e compreensão textual.

Nesse sentido o processo de leitura e escrita são indispensáveis no ensino de Língua Portuguesa, sobretudo em uma sociedade em que se exige sujeitos altamente letrados. Portanto, este trabalho justifica-se devido à sua proposta de apresentar um relato de experiência com a prática de retextualização, evidenciando como esse processo, relacionado à oralidade-escrita, se mostrou frutífero para um maior envolvimento discente nos estudos dos gêneros textuais.

Esta pesquisa tem como objetivo geral relatar a experiência do trabalho com a retextualização do gênero piada para o gênero história em quadrinhos em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, os objetivos específicos foram: destacar a importância da adoção do texto como objeto norteador para as atividades de leitura, compreensão e produção

textual; apresentar a conceituação de gêneros textuais e a sua importância para o desenvolvimento de competências e habilidades comunicativas

No que se refere à metodologia, esta é uma pesquisa bibliográfica, pois, seguindo os critérios de Prodanov e Freitas (2013), se propôs à verificação de dados obtidos através produções teóricas e acadêmicas, a fim de investigar e discutir sobre o estudo de gêneros textuais e o processo de retextualização, considerando a relação dinâmica entre o mundo e o sujeito. A pesquisa foi desenvolvida partir de uma abordagem qualitativa, sobre um estudo *ex-post facto*, por se tratar de um relato de experiência realizada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, vivenciada na disciplina de Estágio Supervisionado III, pelo Curso de Letras de Língua Portuguesa na escola EEIEF Vitória Bezerra.

O aporte teórico desta pesquisa foi direcionado pelas reflexões sobre língua, texto, ensino, gêneros textuais e retextualização de autores como Marcuschi (2010), Fávero e Koch (2005) e Soares (2005) bem como as orientações dispostas pelas diretrizes de ensino nacional, como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). Entretanto, focando na discussão acerca do trabalho com a oralidade e escrita e o processo de retextualização, este trabalho apoia-se, sobretudo, nos estudos de Marcuschi (2010).

O trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro, encontra-se a introdução que apresenta os elementos que compõem o corpo desta pesquisa. O segundo, fundamentado nos estudos Fávero e Koch (2005), trata da Linguística Textual e o uso do texto para as discussões linguísticas, seguido de uma discussão sobre a fala e a escrita como modalidades que compartilham o mesmo sistema: a língua. Ainda neste capítulo, trazemos as contribuições que os gêneros textuais apresentam para o ensino de Língua Portuguesa, estimulando um estudo analítico e funcional dos elementos gramaticais e linguísticos.

No terceiro capítulo, evidenciamos o relevante subsídio que a BNCC (BRASIL, 2018), como documento norteador, traz para o estudo da oralidade e da escrita. Utilizamos as suas orientações para o trabalho com o processo de retextualização do gênero piada e história em quadrinhos.

O quarto capítulo destaca as principais contribuições do processo de retextualização na perspectiva de Marcuschi (2010). O autor aponta como a prática de retextualizar está presente no nosso cotidiano, apresentando uma série de procedimentos como por exemplo à transcrição do texto base, a compreensão, até à produção do novo texto.

No quinto capítulo, apresentamos um relato de experiências realizado na disciplina do Estágio Curricular Supervisionado III do Ensino de Língua Portuguesa, do Curso de

Letras/CFP/UFCG, sobre a utilização da retextualização do gênero textual piada (oral) para o gênero história em quadrinhos (escrito).

Por último, as considerações finais apontam para as contribuições dos estudos sobre o processo de retextualização da oralidade para escrita e os resultados obtidos nas atividades realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado III no trabalho de retextualizar o gênero piada para a história em quadrinhos.

2 CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

Neste capítulo, discutiremos sobre a mudança de paradigma realizada através dos estudos da Linguística Textual que trouxe para as aulas de Língua Portuguesa o texto como objeto central de ensino, conforme aponta Fávero e Koch (2005). Além disso, apresentaremos como os gêneros textuais são instrumentos intermediadores da interação comunicativa da linguagem oral e escrita como explica Marcuschi (2005).

2.1 LINGUÍSTICA TEXTUAL

Na década de 60, os estudos que se dedicaram a utilizar o texto como eixo norteador das investigações linguísticas constituíram a Linguística Textual. As palavras e frases descontextualizadas, trabalhadas no ensino tradicional, passaram a dar espaço à compreensão da linguagem a partir do texto, ocasionando uma verdadeira mudança de perspectiva no ensino-aprendizagem.

Sobre essa questão, Fávero e Koch (2005, p. 12) apontam alguns motivos que instigaram as pesquisas acerca do texto, entre as causas as autoras destacam que

[...] as lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a correferência, a pronominalização, a seleção dos artigos (definidos ou indefinidos), a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais e vários outros que só podem ser devidamente explicados em termos de texto ou, então, com referência a um contexto situacional.

Assim, a Linguística Textual foi fundamental para a adoção do texto como o elemento central da análise linguística. Através das contribuições desse ramo da Linguística, os estudos sobre a semântica dos textos, bem como a construção do seu sentido e o papel do contexto passaram a ser temáticas mais observadas.

A utilização da manifestação linguística nas atividades de leitura e produção textual contribuem para a criação de um ambiente para o estudo do uso e do funcionamento da língua,

pois, conforme apontam Fávero e Koch (2005, p. 16) “para o surgimento das teorias de texto contribuíra, de maneira relevante, a teoria dos atos de fala”.

Nesse sentido, dado que o caráter funcional da língua passa a ser analisado, novas tendências surgem para o ensino de língua, fazendo com que o trabalho de análise linguística, compreensão e produção textual sejam estudados a partir de situações de interação.

Logo, é importante que a escola, como instituição privilegiada para os debates sobre linguagem, conduza o aluno a refletir sobre as modalidades, recursos e situações intrínsecas à comunicação, discutindo, desta maneira, sobre fala, escrita e gêneros textuais. Só assim, a partir da virada realizada devido às discussões da Linguística Textual, a investigação acerca do funcionamento da língua se tornou mais recorrente, contribuindo, também, para a investigação da fala e a escrita.

2.2 A FALA E A ESCRITA

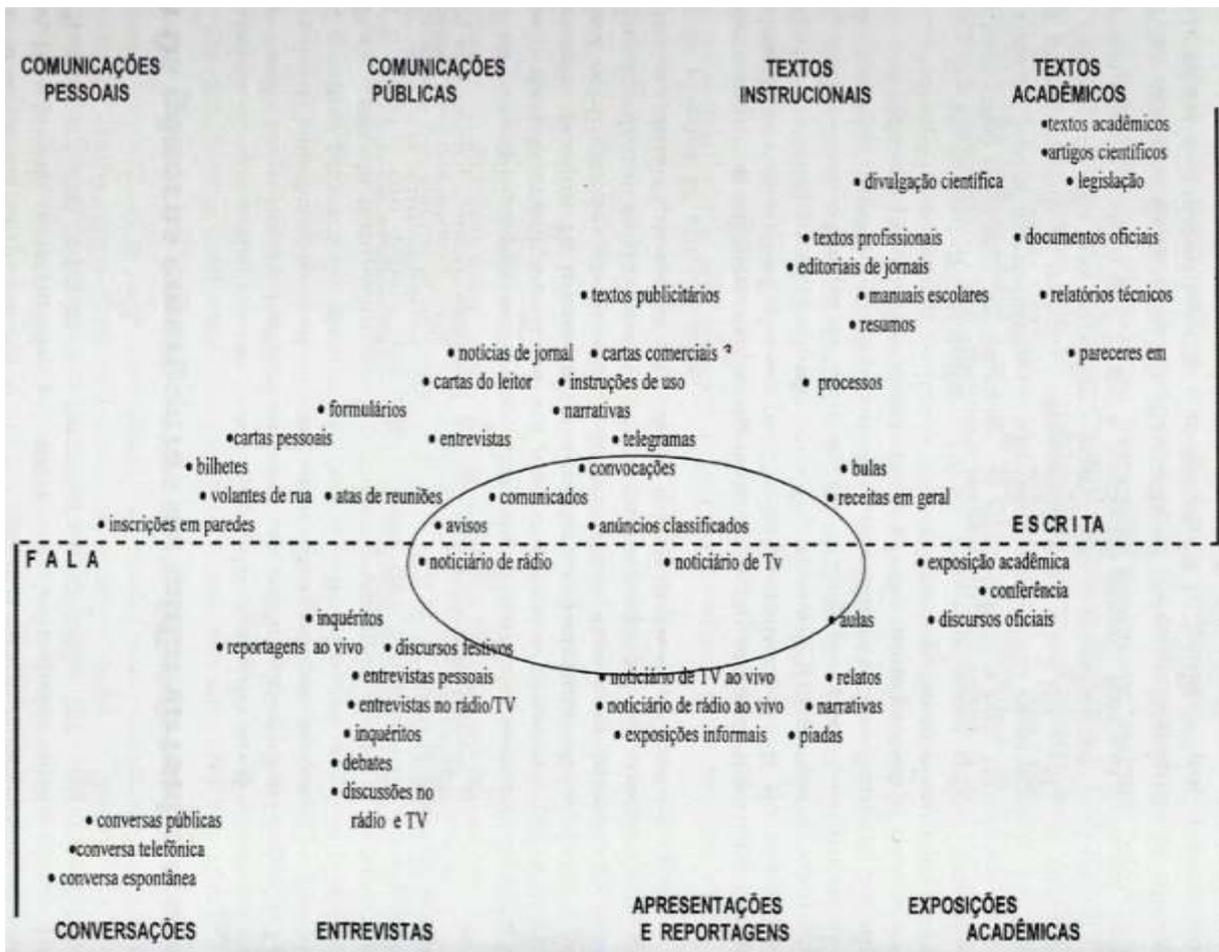
A comunicação é essencial na vida humana, por isso, desde a construção de sociedades à resolução de conflitos internos, a língua é um instrumento importante para transmissão de nossas ideias e pensamentos. Nessa ótica, mais do que um agrupamento de regras, Marcuschi (2010) defende que a língua é, principalmente, uma atividade sociointerativa.

Nesse sentido, a partir de uma perspectiva interacional da linguagem, Elias (2014) argumenta que o sujeito competente comunicativamente manuseia a língua – através da fala e/ou da escrita – considerando os elementos envolvidos nas situações comunicativas. Portanto, nos diversos contextos interacionais, nos comunicamos por meio de textos que resultam da interação dos interlocutores.

A diferença entre o texto oral e o texto escrito se dá, sobretudo, na modalidade em que ele é verbalizado: a fala vale-se do aparelho fonador; a escrita, por sua vez, dispõe de elementos gráficos. Assim, são modalidades que compartilham o mesmo sistema: a língua. Embora compartilhem semelhanças como dialogicidade, interação, dinamicidade e coerência, como aponta Marcuschi (2010), é importante destacar que a escrita não é a transcrição da fala, mas que ambas estão correlacionadas.

Na Figura 1, a seguir, o autor apresenta a reciprocidade que há na relação dos gêneros orais e escritos dentro de uma mesma situação contextual:

Figura 1 - Distribuição dos textos de uso falados e escritos no contínuo genérico



Fonte: Marcuschi (2010, p. 41).

A partir da Figura 1, podemos observar que os gêneros orais e escritos se complementam. Trata-se de uma perspectiva sociointeracional, onde Marcuschi (2010) apresenta uma possibilidade de análise dessa mutualidade através do continuum. Para o autor,

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí as semelhanças e diferenças ao longo do contínuo sobrepostos. (2010, p. 42).

Nesse sentido, conforme apresentado na Figura 1, em um contexto acadêmico, por exemplo, os artigos científicos, os relatórios técnicos e os pareceres de processos são exemplos dos gêneros escritos, enquanto as conferências e os discursos oficiais são gêneros da oralidade.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Discutir sobre gêneros textuais é refletir sobre relação humana nos diversos contextos comunicativos, reafirmando a visão de Marcuschi (2005) que defende os gêneros como entidades sociodiscursivas e formas de ação social. Ao debater sobre a definição e funcionalidade desses fenômenos comunicativos, o autor chama atenção para o caráter flexível que os gêneros possuem, ressaltando que

[...] mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedade anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Dessa forma, podemos considerar que os gêneros textuais são instrumentos intermediadores da interação comunicativa, situados em um contexto histórico-social e caracterizados pela dinamicidade e flexibilidade para atuação nas diversas situações. Por isso, conforme destaca Marcuschi (2005), os gêneros surgem, se reinventam, se renovam e se adaptam de acordo com as necessidades dos falantes.

Considerando os aspectos funcionais e interativos da língua, Marcuschi (2022) defende que nos comunicamos sempre através de gêneros textuais e, portanto, por meio de textos. Além disso, o autor chama a atenção para a importância de compreender a diferença entre tipos e gêneros textuais, dado que essas noções são relevantes no que se refere às atividades de produção e compreensão textual.

A fim de diferenciar as definições entre tipos e gêneros textuais, o autor expressa que:

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos na nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilos e composição características. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros textuais são inúmeros”. (MARCUSCHI, 2005, p. 22-3, grifo do autor)

Portanto, ao falarmos de tipos textual, referimo-nos às propriedades linguísticas presentes dentro dos gêneros textuais que, por sua vez, se apresentam como materialização dos vários textos que empregamos no nosso dia a dia no nosso domínio discursivo: escolar, profissional, familiar, entre outros. Essas são esferas da comunicação humana, aonde podemos reconhecer os gêneros textuais a partir das práticas discursivas.

É importante que o professor de Língua Portuguesa explore e investigue sobre as maneiras de superar as discussões empenhadas em análises superficiais de elementos linguísticos e estruturais. Devido à caracterização apontada por Marcuschi (2005) das funções comunicativas, cognitivas e institucionais que os gêneros apresentam, adotá-los como eixo norteador nas aulas de Língua Portuguesa pode estimular um estudo analítico e funcional dos elementos gramaticais e linguísticos.

Desta forma, o caráter flexível dos gêneros textuais colabora para o reconhecimento de que a seleção, combinação e exclusão de elementos linguísticos possibilita uma infinidade de construção de enunciados, contribuindo para que o aluno aprimore suas aptidões comunicativas. Além disso, os gêneros textuais favorecem a análise da língua em uso, dado que as interações verbais possuem elementos que se organizam e funcionam a partir das intenções comunicativas dos falantes.

Percebemos, portanto, que as discussões acerca dos gêneros textuais vêm ganhando destaque e apontando debates cada vez mais relevantes. Entretanto, abre-se, também, vereda para outra questão: como trabalhar com os gêneros orais e escritos em sala de aula? A fim de responder essa questão, o capítulo a seguir visa apresentar as orientações da Base Nacional Comum Curricular para os professores no trabalho com o ensino de Língua Portuguesa.

3 ORALIDADE E ESCRITA VISTAS NA PERSPECTIVA DA BNCC

Neste capítulo, pretendemos debater sobre as habilidades e competências que envolvem o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. A fim de alcançar um de nossos objetivos específicos, utilizamos as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) sobre a oralidade e escrita para o trabalho em sala de aula.

3.1 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

O ensino de Língua Portuguesa está envolvido numa série de adversidades intrinsecamente associadas às dificuldades de correlacionar teoria, práticas, ensino e aprendizagem. Os obstáculos são observados a partir das dificuldades que os alunos apresentam na sua formação como leitores, escritores, afetando, sobretudo, as suas habilidades sociocomunicativas.

Esses contratempos são impasses que apresentam esboços desde os anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, na alfabetização e, acompanham os alunos até o final deste ciclo no ensino de Língua Portuguesa. Na tentativa de aprimorar o quadro da educação brasileira, os documentos oficiais que regem a educação no país, tais como os a BNCC (BRASIL, 2018), discorrem sobre a aprendizagem que os alunos devem construir gradualmente durante sua formação básica no ensino de Língua Portuguesa.

A BNCC é um documento normativo criado pelo Ministério da Educação (MEC) que define quais as competências e habilidades que os alunos devem desenvolver na sua formação básica, contemplando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Cada etapa da formação é composta por habilidades que se inter-relacionam com as demais fases, bem como as outras áreas do conhecimento: Linguagens, Ciências da Natureza, Matemática, Ciências Humanas e Ensino Religioso.

As habilidades defendidas pela BNCC se dividem em dois grupos através das competências gerais e específicas. Compete especificamente ao ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, habilitar os alunos a se inserirem em diversas práticas da linguagem, a partir de atividades de leitura, produção de textos e análise linguística/semiótica, tanto na oralidade como na escrita.

Para trabalhar o processo de retextualização do gênero piada para a história em quadrinho, interessa-nos, sobretudo, a habilidade EF67LP38, a qual visa desenvolver a

aprendizagem e competência de “analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras” (BRASIL, 2018, p. 175).

À medida que se discute sobre Ensino de Língua Portuguesa, o debate acerca de instrumentos que contribuam com a formação discente se torna fundamental. Há um crescente interesse, por parte dos professores, em adotar ferramentas metodológicas que contribuam e auxiliem às atividades realizadas nas escolas, a fim de superar os contratempos supracitados, visto que, embora alfabetizados, muitos alunos do Ensino Fundamental II demonstram dificuldades nas habilidades linguísticas que envolvem a leitura, a escrita e o uso da língua em diferentes contextos.

É possível um ensino de Língua Portuguesa com foco na formação cidadã dos alunos, entretanto, para isso, é indispensável ir mais além da decodificação de letras e frases soltas como estudo de língua. É necessário focar nos sentidos do texto, ao debater e analisar os discursos sociocomunicativos encontrados nele, associado à valorização do conhecimento prévio do aluno na realização dessas discussões. Para isso, a integração de disciplinas nas estruturas curriculares é fundamental no momento em que o professor trace suas atividades pedagógicas, considerando sempre as práticas sociais do aluno.

Nesse sentido, a utilização dos gêneros textuais auxilia a ultrapassar as atividades pedagógicas empenhadas, unicamente, em análises de pequenas unidades linguísticas, reconhecimento das classes de palavras, uso da pontuação, correção ortográfica, etc., de forma descontextualizadas do seu lugar de produção. Dessa forma, reconhece-se a importância de o estudo de língua portuguesa a partir de uma unidade maior, o texto, para análise das unidades menores como os períodos, frases, palavras e letras.

Visto que o ensino de Língua Portuguesa objetiva aperfeiçoar as competências e habilidades comunicativas do aluno, fazê-lo a partir dos gêneros textuais facilita o alcance desse objetivo, ao passo que contribui com a formação de aptidões linguísticas que conduz mais possibilidades de interações dos diversos contextos interacionais. Portanto, o instrumento utilizado nas aulas pode incentivar em um maior envolvimento discente, como se discutirá a seguir.

4 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO E AS COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS

Este capítulo dedica-se a apontar o processo de retextualização como instrumento teórico e prático para desenvolver as competências comunicativas dos alunos de 6º ano do ensino fundamental no trabalho com os gêneros textuais, fundamentada no trabalho de Marcuschi (2010).

4.1 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA VISÃO DE MARCUSCHI

Embora o nome retextualização não seja trivial, trata-se de uma atividade presente e recorrente na nossa vida cotidiana. Para Marcuschi (2010), a retextualização se refere à simples prática de repassar uma informação que lemos para um amigo, através de uma ligação telefônica, conversa ou por áudios de aplicativos de mensagens, etc. No entanto, se em termos práticos a retextualização é uma ação comum, em termos teóricos, do que se entende?

Conforme a discussão realizada até o momento, observamos que a fala e a escrita são modalidades diferentes da língua. Nesse sentido, a fim de realizar um estudo mais consciente, Marcuschi (2010) apresenta um modelo de análise da língua a partir do processo de transformação de gêneros, ressaltando a relação entre fala e escrita.

Segundo o autor, a retextualização:

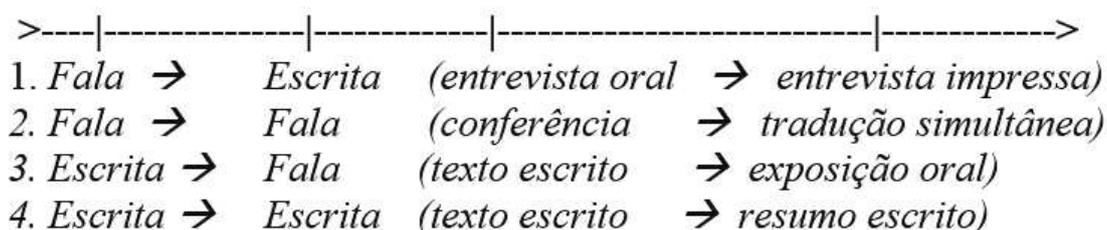
[...] não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

A língua – falada e/ou escrita – é um sistema que possui seus elementos e organização interna. Discutir em sala de aula sobre a modalidade oral e escrita evidenciando seus aspectos, papéis e importâncias sociais coopera para a desmistificação de que há uma relação de superioridade entre elas. Para ajudar no alcance desse objetivo, a utilização do processo de retextualização na passagem de gênero oral para o escrito, possibilita um estudo mais detalhado e analítico para discutir essas questões, mas, conforme aponta Marcuschi

Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito). Fique claro, desde já, que o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão (MARCUSCHI, 2010, p. 47).

Nesse sentido, o autor ainda apresenta um quadro com quatro possibilidades de realização do processo de retextualização:

Figura 2 - Possibilidades de Retextualização



Fonte: Marcuschi (2010, p. 48).

Conforme a Figura 2, podemos observar que trabalhar com a retextualização contempla atividades da fala-escrita, fala-fala, escrita-fala e escrita-escrita. No entanto, é importante destacar que esta pesquisa apresenta um relato de experiência com o trabalho de retextualização da fala, por meio do gênero piada, para a escrita, através do gênero história em quadrinho.

É possível que, ao apresentar a retextualização como processo de formação de um texto, a partir da passagem de um gênero para outro, uma série de dúvidas possam surgir, tais como a tendência de reduzir a complexidade do processo à transcrição. Para isso, Marcuschi evidencia que transcrever é diferente de retextualizar:

Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. [...] há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem (MARCUSCHI, 2010, p. 49).

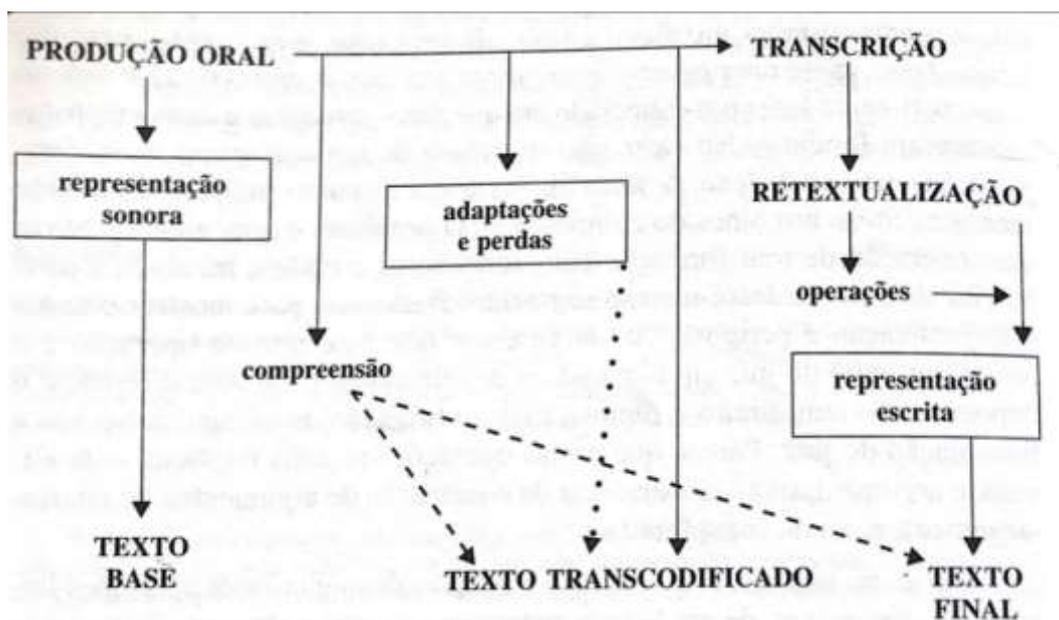
Portanto, a transcrição refere-se à mudança do código sonoro para o gráfico, mas sem interferir a natureza linguística do texto. A retextualização, por sua vez, toca no código, na estrutura e no núcleo linguístico do texto. Entretanto, ainda que possuam limites diferentes, a

transcrição é a primeira estratégia realizada no processo de retextualização, conforme veremos a seguir.

4.2 RETEXTUALIZAÇÃO: UM PROCESSO DE ETAPAS

Dado o exposto, a retextualização é uma prática realizada nos diversos contextos comunicativos e situações interacionais. Diferente da transcrição, retextualizar é um processo que envolve aspectos linguísticos, textuais e discursivos. A habilidade de compreender e produzir textos decorre dos processos de idealização, reformulação e adaptação que envolvem a retextualização. Essas ações, bem como os aspectos implicados, são expostas por Marcuschi através da Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Fluxo das ações



Fonte: Marcuschi (2010, p. 72).

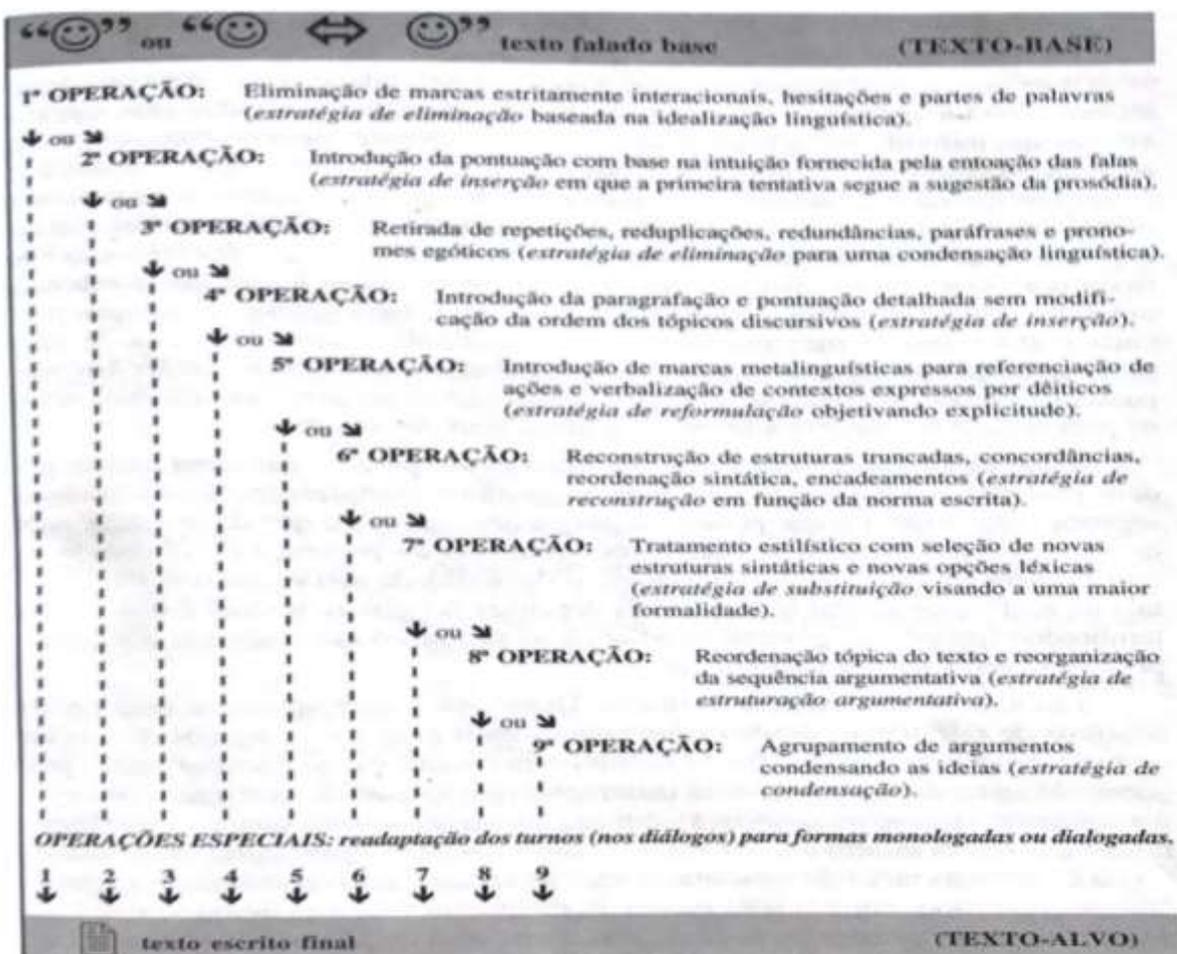
De modo geral, a Figura 3 aponta as ações apresentadas por Marcuschi (2010) envolvem o processo de retextualização de um texto oral (base), para um texto escrito (final). O texto base de representação sonora passa pela primeira etapa, de transcrição; em seguida, passa pelas alterações realizadas pela retextualização, resultando o texto final de representação escrita.

Assim, o texto retextualizado resulta de duas grandes etapas: a transcrição e a retextualização. Marcuschi (2010) chama de texto transcodificado o resultado final do primeiro

momento em que o texto base passa da fala para a escrita. O autor ressalta ainda que a transcrição, discutida anteriormente, resulta em muitas perdas, além de evidenciar que a compreensão é um aspecto de suma importância, presente em todo momento do processo de retextualização, atingindo o texto desde sua transcrição até o resultado final do processo.

Dessa forma, compreendemos que o primeiro momento da retextualização é a transcrição, com poucas operações internas e baixo nível de complexidade e alto papel da compreensão. O segundo momento ocupa-se das operações internas à retextualização, em que Marcuschi (2010) apresenta de modo detalhado as ações realizadas dentro da passagem do texto oral para o escrito através da Figura 4 a seguir:

Figura 4 - Conjunto de operações envolvidas no processo de retextualização



Algumas observações sobre as legendas para ler o modelo:

- A sequência inicial na parte superior do modelo [“☺” ou “☺ ↔ ☺”] lembra apenas que pode tratar-se de um texto falado *monologado* [“☺”] ou então de um texto falado *dialogado* [“☺ ↔ ☺”] que serve de **texto-base** para a retextualização.
- O símbolo [↓] posto abaixo de cada uma das 9 operações sugere que se pode partir desse ponto para o texto escrito final, e o símbolo [↘] indica que se pode ir à operação seguinte.
- O símbolo [📄] na parte inferior do modelo lembra que esse é o *texto escrito* tido como o ponto de chegada, isto é, o **texto-alvo** do processo de retextualização.

O modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito envolve as habilidades de idealização, reformulação e adaptação mencionada inicialmente. É importante destacar que as operações acima representam um rol exemplificativo, pois, conforme explica o autor, as operações realizadas na retextualização dependem da escolha do sujeito de acordo com sua intenção comunicativa.

Assim, da primeira à quarta operação, realizam-se as ações de regularização e idealização do texto. Nesse momento, encontram-se um espaço fértil para realizar atividades de pontuação, visto que as práticas de eliminação e inserção de elementos evidenciam a importância de demarcações na escrita.

Para o autor, as operações que se seguem marcam o que se entende como retextualização, pois envolvem estratégias de substituição, seleção, reordenação e condensação que interfere significativamente o texto final. Sendo assim, retextualizar o texto pode contribuir para revitalização dos estudos gramaticais, dado que elas, conforme aponta Marcuschi (2010, p. 80) “[...] dizem respeito a um tratamento da fala, de natureza sintática, semântica, pragmática e cognitiva”.

Diante do exposto, salientamos a importância de o ensino de Língua Portuguesa se envolver com os gêneros textuais a fim de aprimorar as habilidades de compreensão e produção textual. A retextualização, por sua vez, contribui para que essa atividade seja observada analiticamente, observando as distinções e semelhanças presentes na fala e na escrita.

A utilização do processo de retextualização na sala de aula contribui, principalmente, para a prática docente, visto que dota o professor com uma ferramenta teórica e prática que auxilia o desenvolvimento das competências textuais do aluno.

5 DA TEORIA PARA A PRÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO PIADA PARA A HQ

O presente relato apresenta uma experiência realizada na Escola EMEIEF Vitória Bezerra, localizada na cidade de Cajazeiras-PB, numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental. A atividade fez parte do Estágio Curricular Supervisionado III, orientado pelo professor Marcílio Queiroga, no ano de 2019, do Curso de Letras de Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da UFCG.

A ideia norteadora para a escolha da temática “retextualização de gêneros textuais”, surgiu com base nas discussões realizadas na Disciplina de Linguística Aplicada, em que percebemos que se trata de um aparato relevante para o trabalho com a compreensão e produção de gêneros textuais orais e escritos.

É importante destacar o papel crucial do Estágio Curricular Supervisionado para a nossa formação tanto profissional como pessoal na universidade. Através dele, obtemos uma formação teórica e metodológica imprescindíveis para a nossa atuação profissional, mas também nos preparamos metodologicamente para atuar em sala de aula.

Em seguida trataremos das atividades produzidas durante a vivência do Estágio Curricular Supervisionado III.

5.1 UMA VISÃO PANORÂMICA DA ESCOLA EMEIEF VITÓRIA BEZERRA

Figura 5 - EMEIEF Vitória Bezerra



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vitória Bezerra está localizada no bairro Alto Belo Horizonte na cidade de Cajazeiras, Paraíba. Essa Instituição acolhe alunos desde o 2º ano da Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental, oferecendo aulas durante os turnos da manhã e da tarde à comunidade.

O corpo estudantil é composto de, aproximadamente 308 alunos, dos quais 146 são do turno da manhã e os demais da tarde. Vale destacar que a nossa experiência no Estágio Supervisionado III foi com o 6º ano no período da tarde, em uma turma com 24 alunos.

De modo geral, a escola consiste num espaço limpo, pequeno, ventilado e aconchegante. A Instituição possui uma cozinha, um almoxarifado, uma secretaria, uma diretoria, um depósito, uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde funciona também a sala dos professores. Há acessibilidade a cadeirantes, seis salas de aulas climatizadas, um laboratório de informática, onde funciona também a biblioteca. Pelo fato de a biblioteca estar na sala de informática onde os alunos não podem transitar sem prévia comunicação, não há muita aproximação dos discentes com os livros.

Um dos fatores positivos é que a escola dispõe de aparelhos tecnológicos como projetor de *slides*, equipamento de som, microfones, *DVD*, *TV* e *notebook*, permitindo assim a ministração de aulas mais motivadoras para os alunos. No entanto, no que se refere a espaços para palestras, não há, por isso essas atividades são sempre realizadas em sala de aula. Já sobre o Projeto Mais Educação, as monitorias de Língua Portuguesa e Matemática ocorrem em uma mesa que está na frente da cozinha.

O corpo docente da escola é formado por vinte professores graduados e pós-graduados que atuam na área de sua licenciatura e o quadro de funcionários é composto por uma gestora, uma co-gestora, uma supervisora de ensino, uma coordenadora pedagógica e dez pessoas de apoio administrativo.

É importante destacar aqui o compromisso que toda a equipe da escola assume com a aprendizagem dos alunos, procurando colaborar para o desenvolvimento escolar da melhor maneira possível. Além disso, cabe acentuar que essa Instituição é muito prestativa com os estagiários que a procuram, bem como aparenta ter um bom relacionamento com as famílias dos alunos e com a comunidade que a rodeia.

No tocante ao Projeto Político Pedagógico da Escola, esse propõe uma metodologia de ensino baseada na interação professor-aluno. Assim, a bagagem cultural e os conhecimentos prévios dos alunos são valorizados para a construção das atividades realizadas em sala de aula.

Os objetivos de ensino traçados pela escola parte de um planejamento anual e se organizam em quatro bimestres. As atividades realizadas em sala de aula são norteadas pelo livro didático, bem como as propostas trazidas pela coordenação da escola ou da Secretária da Educação, utilizando como recursos didático quadro, pincéis para quadro, livros, projetor de *slides*, vídeos.

A correção dos exercícios é realizada com a interação entre professora-alunos e, neste momento, são esclarecidas as dúvidas que surgem em relação ao conteúdo. Ainda que as correções de atividades envolvam os estudantes, não há uma discussão de estratégias didáticas com os discentes, cabendo à professora ressaltar a importância de focar no que está sendo discutido em sala de aula.

Durante todo processo de aula, seja em discussão, realização ou correção de atividade, os alunos podem e são convidados a expressarem suas opiniões e compartilhar suas experiências. A interação entre aluno-aluno, aluno-professor é estimulada do início ao fim das aulas.

As dificuldades de aprendizagem percebidas no desenvolvimento das atividades são discutidas no momento da aula, onde a professora tenta esclarecer ao passo que reorganiza suas estratégias de intervenção. As dificuldades mais acentuadas, tais como a caligrafia, ortografia, concordância, coesão e coerência podem ser trabalhadas em horário distinto das aulas através do programa Mais Educação desenvolvido na escola.

A verificação da aprendizagem é feita através da realização de exercícios dos conteúdos estudados em sala de aula. Para isso, o docente realiza um momento de revisão, realização de trabalho de pesquisa que encaminha para a avaliação final. Além disso, a Escola Vitória Bezerra possui outra estratégia avaliativa: o Conselho Escolar, formado pelo corpo docente, considera a assiduidade do aluno, o compromisso em realização das atividades, a participação nas aulas, o zelo pela instituição e pelos materiais, a interação entre colegas e docente, o respeito aos funcionários como critérios avaliativos considerados para o desempenho escolar.

5.2 ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA

Antes do trabalho em sala de aula, foi realizada uma reunião na universidade entre o professor orientador de Estágio, a preceptora, representando a Escola e nós como alunos para decidir a temática e os objetivos pretendidos nas aulas de Língua Portuguesa. Como resultado,

os gêneros história em quadrinhos e piada nos foram designados para trabalhar com o 6º ano do Ensino Fundamental.

Inicialmente realizamos uma pesquisa acerca do gênero História em Quadrinhos (HQ) e piada a fim de adequar uma conceituação teórica aos temas que seriam discutidos em sala de aula. Para isso utilizamos artigos que discutiam e apresentavam práticas pedagógicas direcionado aos respectivos gêneros, considerando a estrutura, elementos internos e meios de circulação desses gêneros verificamos que eles são caracterizados a partir dos Quadros a seguir:

Quadro 1 - Gêneros

GÊNERO TEXTUAL PIADA	GÊNERO TEXTUAL HQ
<ul style="list-style-type: none">• Oralidade;• Narrativa curta;• Enredo simples;• Sarcasmo;• Ironia;• Ambiguidade;• Humor;	<ul style="list-style-type: none">• Quadrados;• Balões;• Onomatopeia;• Linguagem mista;• Diferentes suportes;

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras (2022).

A piada é um gênero da oralidade presente nas diversas situações interacionais. Nesse sentido, para Costa (2008) a piada é uma narrativa curta, que trata de vários assuntos, marcada pelos recursos linguísticos próprio, tais como o uso do sarcasmo, ironia e que tem como propósito comunicativo provocar o riso ou criticar.

A História em Quadrinhos, por sua vez, é um gênero textual que envolve a linguagem verbal e não-verbal para produzir seus objetivos comunicativos. Conforme defende Mendonça (2007, p. 195) a HQ é “uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”.

Dessa forma, o trabalho com esses gêneros promove possibilidades de aprimorar as habilidades de análise dos efeitos de sentido que decorrem dos usos de figuras de linguagem como a hipérbole, além de percepção da interação entre elementos linguísticos.

Em seguida, planejamos uma sequência de atividades que orientaria todo o trabalho com a piada e HQ, desde a apresentação à produção final do gênero. A experiência com o estudo desses gêneros foi organizada e estruturada em sete aulas, contemplando a introdução, a

situação, o estudo do gênero, a produção da piada e da história em quadrinhos, a partir da retextualização de um diálogo e a produção final.

Abaixo segue a descrição do conjunto de atividades planejadas para o trabalho da história em quadrinhos em turmas do 6º ano do ensino fundamental. Em seguida, será detalhado como o planejamento foi desenvolvido e quais foram os resultados obtidos.

No encontro entre preceptora (escola) -orientador (universidade) - graduanda (estagiária), traçou-se os seguintes objetivos de trabalho:

Conteúdos

- História em quadrinhos;
- Piadas;

Objetivo geral

- Desenvolver práticas de compreensão e produção do gênero História em Quadrinho.

Objetivos específicos

- Ampliar o conhecimento sobre a história em quadrinhos;
- Debater sobre os aspectos da fala através da piada;
- Estimular a prática de produção de texto.

Recursos didáticos

- Computador, projetor de imagens, exemplares de história em quadrinho, livro didático, caderno, lápis de cor.

Tempo estimado total:

- 6 aulas/45'

Primeira etapa: apresentando de situação (1 aula – 45’)

Figura 6 - Tirinha “Nina em coisas da vida”



Fonte: <http://linguaportuguesatotal.blogspot.com/2018/05/nina-coisas-da-vida.html>

Realizar a leitura da HQ proposta pelo livro “*Nina em: As coisas da vida*”, de Ziraldo. Em seguida, desenvolver uma curadoria para diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a história em quadrinhos.

- Vocês conhecem esse gênero?
- Alguém já leu uma história em quadrinho?
- Alguém está vendo esse gênero textual pela primeira vez?

A partir das respostas trazidas pelos alunos, iniciar a discussão de compreensão do texto lido em sala de aula. Em seguida identificar o que os alunos entenderam, qual a experiência de ler imagens, as dificuldades e facilidades de consumir história em quadrinhos. Cabe destacar sobre a expressividade comunicativa: o papel da pontuação na escrita, a expressão e entonação na fala.

Ao finalizar a atividade de interpretação textual, comunique que os alunos estudarão o gênero em questão nas próximas aulas, a fim de aprender a criar suas HQs.

Segunda etapa: conhecendo as histórias em quadrinhos (2 aulas – 45’)

Depois da apresentação inicial, expor a história e curiosidades do gênero trabalhado. Debater sobre a função e importância das histórias em quadrinhos para a sociedade e seguir para a análise dos elementos que constituem o gênero.

- Compartilhar com a turma *slides* com curiosidade, história, características dos elementos e processo de criação das histórias em quadrinho;
- Expor exemplares de história em quadrinhos.

Ao fim da aula expositiva sobre o gênero HQ, retome os pontos mais importantes debatidos. Solicite aos alunos que realizem a atividade de criação de falas para a história em quadrinho apresentada no livro didático.

Terceira etapa: mãos à obra (2 aulas – 45’)

Discussão da atividade realizada anteriormente. Conferir a experiência dos alunos sobre a criação de falas para a história em quadrinhos, questionando:

- Vocês tiveram dificuldades para produzir a atividade?
- Vocês conseguiram reconhecer os elementos estudados nas aulas anteriores?

Depois da revisão e verificação da compreensão das histórias em quadrinho, seguir para a produção do gênero em sala de aula.

Para desenvolver a habilidade de produção textual, será utilizada a retextualização de uma piada para a HQ.

- Distribuição de uma folha de papel sulfite;
- Compartilhar um modelo de planejamento de construção do texto;

PLANEJAMENTO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Minha história em quadrinho	
1. O que você irá contar?	
2. Em quantas partes essa história será organizada?	
3. Associe a linguagem verbal e a não verbal: a fala dos balões e os desenhos precisam estar em sintonia	
4. Indique o ambiente? É dia? É no espaço aberto?	
5. Crie falas curtas e dê espaço aos desenhos.	
6. Use os recursos linguísticos: onomatopeia, exclamações.	

Revisão e reescrita (1 aula – 45')

Verificar o desempenho dos alunos

- A linguagem verbal e a não verbal estão conectadas?
- Os rabichos dos balões estão posicionados corretamente?
- A relação dos quadrinhos segue uma relação de causa e efeito?
- O texto está legível?

5.3 A HISTÓRIA EM QUADRINHO E A PIADA: A PRÁTICA

Após o planejamento realizado, o trabalho em sala de aula foi iniciado.

Primeira etapa

Realizada a leitura da história em quadrinho proposta pelo livro, percebemos que os alunos possuíam muita dificuldade de exercitar a leitura. Ao lançar os questionamentos

pretendidos, todos os alunos da sala narraram ter conhecimento sobre o gênero. Entre os 24 alunos, um se destacou, expondo suas habilidades artísticas e debatendo sobre os mangás.

Segunda etapa

Visto que a turma apresentou pouco envolvimento na aula anterior, a fim de estimular a participação discente no estudo do gênero história em quadrinho, apresentamos uma sequência de *slides* que continham:

- Curiosidades;
- História da HQ;
- HQ e a Marvel;
- Características internas;
- Processo de criação.

Figura 7 - Estudo sobre a HQ



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Em seguida, solicitamos que a turma se organizasse em grupos, pois seria exposto algumas histórias em quadrinhos para que os alunos pudessem conferir a organização interna do gênero.

A partir das distribuições das histórias em quadrinhos, os alunos folheavam as páginas, liam e falavam sobre o que leram. Na Figura 8 que segue mostra alguns exemplares utilizados na exposição:

Figura 8 – Alguns exemplares utilizados na aula



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

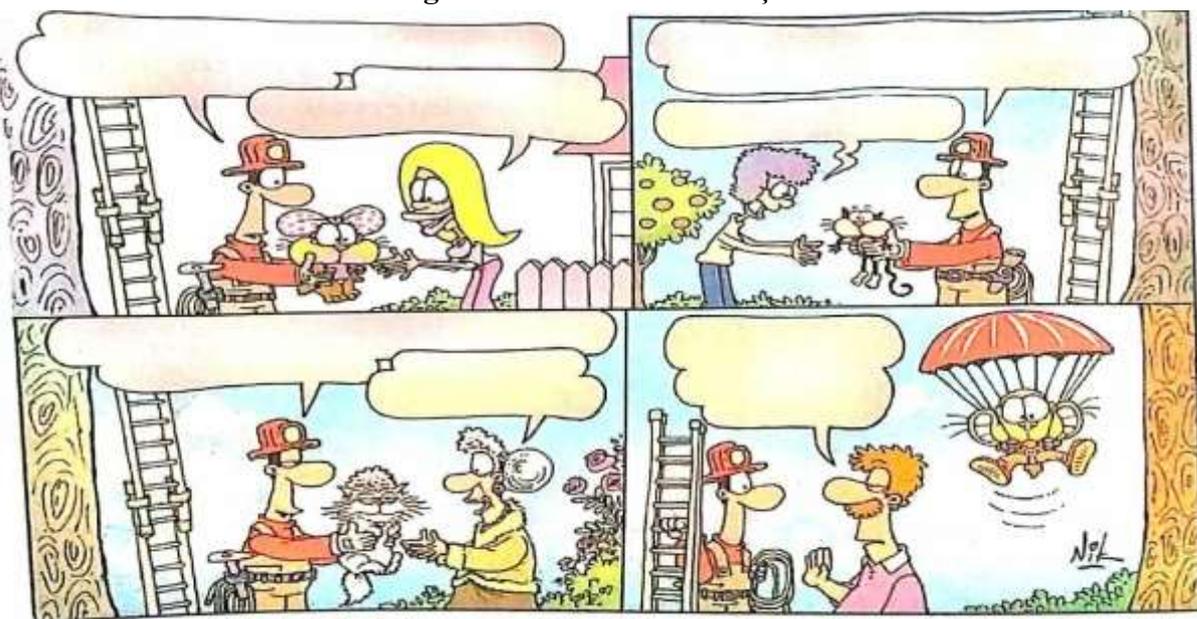
A partir das falas dos alunos, lançamos algumas perguntas para a verificação da aprendizagem:

- Há diferenças entre os balões?
- Há relação entre a fala do balão e as expressões das personagens?
- Vocês conseguem identificar o narrador nestes textos?

A participação e envolvimento dos alunos nesta aula foram pontos positivos, além do reconhecimento e compreensão dos pontos estudados, os discentes mostraram domínio com a linguagem não verbal.

Próximo ao final da aula, solicitamos que os alunos realizassem em casa a atividade proposta pelo livro. No caso da Figura 9 a atividade solicita que os alunos construam as falas dos personagens de acordo com suas expressões faciais.

Figura 9 - Atividade de criação de falas



(Nik. *Todos os segredos de Gaturro*. 4. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2011. p. 45.)

Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Terceira etapa: mãos à obra

Neste momento, a fim de analisar e realizar as possíveis correções, pedimos para que os alunos apresentassem as falas produzidas da atividade solicitada no último encontro. Porém, foram poucos os alunos que entregaram a atividade completa.

Em seguida, demos início à produção inicial da história em quadrinhos. Foi explicado para os alunos que eles iriam realizar o processo de retextualização, onde partiriam do texto base, na atividade em questão o gênero piada, para produção de um texto final, a história em quadrinhos.

Este foi o momento em que os alunos compartilharam piadas para a turma. Antes de iniciar o trabalho de retextualização, pudemos observar que a piada, por se tratar de um gênero oral, possui características próprias da oralidade. Alguns alunos optaram por trabalhar com a piada que narrou, outros com piadas que escutou. Dado a seleção do texto, iniciamos o processo de retextualização estruturado abaixo:

Com o gênero oral transcrito, os alunos foram orientados a realizar as devidas adaptações da passagem de um gênero para o outro. Nesse momento, as operações apontadas por Marcuschi (2010) foram essenciais para a didática dessa atividade. Os alunos iniciaram o processo de produção da história em quadrinho utilizando, principalmente, o roteiro de planejamento da produção de uma história em quadrinhos. Finalizada a produção, solicitamos que os alunos entregassem sua história em quadrinho para que fossem analisadas.

Figura 10 - Atividade produzida pelos alunos



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Verificação e reescrita

Recebidas as produções, analisamos as histórias em quadrinho da turma do 6º ano do Vitória Bezerra. Pudemos observar que os alunos conseguiram um bom desempenho no que compete à compreensão e produção desse gênero textual. Através dos textos produzidos, constatamos que os alunos possuem dificuldade em utilizar a vírgula, bem como reconhecer quais as palavras precisam ser acentuadas, como se verifica na imagem a 06 seguir:

Através desta experiência, pudemos confirmar a eficácia do processo de retextualização nos trabalhos de leitura e produção de gêneros textuais orais e escritos. Um fator relevante, ao trabalhar com este gênero, foi perceber a facilidade que os discentes tiveram em reconhecer que a linguagem envolve uma série de operações complexas, entendendo a necessidade de história em quadrinho apresentar coerência entre a linguagem verbal e não verbal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos estudos realizados por Marcuschi (2010), pudemos observar que a passagem da fala para a escrita é realizada a partir de uma série de operações complexas. Dessa forma, adotar a retextualização como instrumento nas aulas de Língua Portuguesa ajuda não apenas para o desenvolvimento da escrita do aluno, mas também para instigar sua capacidade investigativa através de um estudo ativo da língua. Assim, ensinar a retextualizar implica em gerar um sistema teórico e prático de análise da língua, facilitando ao aluno o (re)conhecimento dos gêneros textuais presentes nas diferentes ações comunicativas.

Ao discorrer sobre as atividades realizadas no período do Estágio Curricular Supervisionado III, em turma do 6º ano do Ensino Fundamental, compreendemos como a prática docente deve ser bem elaborada para surtir os efeitos esperados, no que se refere à aprendizagem do aluno. As discussões teóricas realizadas nas disciplinas de Linguística Aplicada e Estágio Supervisionado III foram essenciais para verificar como o ensino de Língua Portuguesa é desafiante, mas selecionar ferramentas certas e traçar planos de ação facilitam o trabalho docente e muda a vida do aluno.

Como resultado da pesquisa, constatamos o quanto o processo de retextualização ajudou os alunos a desenvolverem suas habilidades e competências no uso da língua, sem que houvesse tanta dificuldade para a compreensão e produção textual.

Na atualidade, os gêneros textuais e as situações comunicativas estão em constante mudança. Por isso, é conveniente que pesquisas que contemplem as investigações sobre a comunicação superem o espaço acadêmico. Dessa forma, esperamos que este trabalho sobre a retextualização, chegue a muitos leitores e investigadores que apreciam o impacto de desenvolver habilidades comunicativas e procuram instrumentos práticos que auxiliem os seus estudos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/pesquisar?q=g%C3%AAneros%20textuais>. Acesso: 29 ago. 2022.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FÁVERO, L. P; KOCH, I. G. V. **Linguística textual: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela. Paiva. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. RJ: Lucerna, 2005, p. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010
- MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a História em Quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; Bezerra, M. A. (org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 194-207.
- PRODANOV, C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caderno do professor / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista**. Belo Horizonte: UFMG, 2005